

O CRESCIMENTO DO CRIACIONISMO NO BRASIL: PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS E AVANÇOS RECENTES

The Growth of Creationism in Brazil: Major Influences and Recent Developments

Luís Fernando M. Dorvillé

Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ
ldorville@gmail.com

Pedro Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ
teixeirapp86@gmail.com

Resumo

Embora a evolução assuma um papel central na Biologia, fornecendo uma compreensão aprofundada e integração entre muitos dos fenômenos que são partes das ciências da vida, seu ensino enfrenta muitos desafios por todo o mundo, inclusive no Brasil. Um dos principais problemas é a oposição de grupos religiosos que defendem visões de mundo criacionistas. Ao longo das últimas três décadas, as principais alterações no perfil religioso da população brasileira criaram as condições para o crescimento do movimento criacionista em nosso país. Nesse trabalho exploramos as características do criacionismo no Brasil e seus desenvolvimentos recentes, bem como as quatro principais abordagens adotadas pelos diferentes grupos a fim de promover suas agendas. Finalmente, destacamos que projetos de lei recentes e eventos e palestras criacionistas lançaram sérias preocupações a respeito do futuro do ensino da evolução nas escolas públicas.

Palavras chave: Ensino de Biologia, Ensino de Ciências, Evolução biológica, criacionismo

Abstract

Although evolution assumes a central role in Biology, providing an in-depth understanding and integration between many of the phenomena that are part of the life sciences, its teaching still faces many challenges worldwide, including Brazil. One of the major problems is the opposition of religious groups that sustain creationist views. Over the last three decades, the major changes in the religious profile of the Brazilian population created the conditions for a growing creationist movement. In this paper we explore the characteristics of Creationism in Brazil and its recent developments, as well as the four major approaches adopted by the different groups in order to promote their agendas. Finally, we point out that recent law projects and creationist meetings and lectures have raised serious concerns about the future of evolution teaching in public schools.

Key words: Biology Teaching, Science Teaching, Biological evolution, Creationism

Introdução

A evolução assume um papel central na Biologia, fornecendo uma compreensão aprofundada e integração entre os fenômenos que fazem parte das ciências da vida (SCOTT, 2004). Entretanto, o ensino da evolução enfrenta muitos desafios em todo o mundo, inclusive no Brasil (TIDON & LEWONTIN, 2004): entendimento errado do processo evolutivo, dificuldades de entender seus conceitos complexos e abstratos, problemas de linguagem e a oposição de certos grupos religiosos.

O criacionismo cristão é, em grande parte, um fenômeno típico dos Estados Unidos exportado para outros países (SCOTT, 2006). Como um subproduto do literalismo bíblico protestante, o criacionismo, em geral, se intensifica quando essas visões religiosas se tornam populares (MATZKE, 2010). Ao longo das três últimas décadas, o crescimento vertiginoso do pentecostalismo no Brasil, uma das várias ramificações literalistas do Protestantismo, impactou diferentes áreas da sociedade, incluindo os desenvolvimentos recentes do criacionismo.

Embora o cenário brasileiro seja muito diferente do norte-americano, as últimas décadas testemunharam um número crescente de comunidades evangélicas e adventistas apoiando o criacionismo e investindo em instituições educativas e editoras de livros com esse tipo de abordagem apresentada como científica. Deste modo, como destaca Numbers (2006), em nenhum outro país da América do Sul o criacionismo cresceu tanto como no Brasil.

Nesse trabalho, exploramos algumas das principais características do criacionismo no Brasil. Diferentes decisões políticas, publicações e atividades em ambientes acadêmicos indicam que a confluência dos movimentos criacionistas e o crescimento do pentecostalismo popularizaram essas ideias ao longo dos últimos anos, produzindo diferentes estratégias para disseminar sua influência por toda a sociedade, inclusive no ensino de ciências. Finalmente, destacamos que os desenvolvimentos mais recentes levantam preocupações a respeito do futuro do ensino de evolução nas escolas públicas brasileiras, dado que há tentativas em curso de remover estes conteúdos e introduzir o criacionismo em seu lugar.

Estratégias e retóricas dos criacionistas

Associações criacionistas existem no Brasil há mais de 40 anos. Entretanto, apenas recentemente esses grupos intensificaram suas agendas, utilizando estratégias e retóricas semelhantes àquelas empregadas por seus pares norte-americanos. Além da forte presença em grande variedade de tipos de mídia, os criacionistas brasileiros adotam quatro abordagens principais, às vezes de modo mais articulado, unindo diferentes grupos, e em outros casos de modo mais independente.

Em primeiro lugar, muitas dessas organizações procuram apresentar seus pontos de vista como uma “alternativa científica” à evolução biológica, procurando obter assim legitimidade científica e apoio às suas ideias. Elas promovem encontros anuais que procuram reproduzir a estrutura de congressos acadêmicos, com apresentação oral de trabalhos e painéis, bem como conferências de abertura e mesas redondas. Alguns dos palestrantes desses eventos viajam por várias partes do país ministrando palestras “científicas”, tanto em igrejas e grandes encontros religiosos quanto em instituições públicas e privadas de ensino superior, geralmente com o apoio de igrejas locais ou de grupos religiosos organizados. Os nomes mais conhecidos são os do físico presbiteriano Aduino Lourenço e do químico, pesquisador da UNICAMP e adventista Marcos Nogueira Eberlin. Desde 2002 a Sociedade Criacionista Brasileira (fundada por adventistas em 1972) realiza anualmente o Seminário Filosofia das Origens. Dentre os trabalhos apresentados em algumas edições desse evento se encontram: “Evidências

Arqueológicas da Torre de Babel e do Proto-Idioma Universal” (V Seminário), “Evidências da Criação na Clorofila” (VI Seminário) e “Evidências da Criação na Molécula de Hemoglobina” (VII Seminário). Todos esses encontros e palestras são geralmente amplamente registrados e divulgados pelas mídias eletrônicas das diferentes igrejas adventistas e protestantes conservadoras.

Outra organização criacionista brasileira é a Associação Brasileira para a Pesquisa da Criação (ABPC), fundada em 1979 em Belo Horizonte, sendo uma organização evangélica ligada ao Institute for Creation Research (ICR), fundado nos EUA por Henry Morris. Trata-se de uma instituição representante do criacionismo da Terra Jovem, que já trouxe cinco vezes ao Brasil um dos mais famosos criacionistas do mundo, o bioquímico americano Duane Gish, que já foi vice-presidente do ICR e um de seus principais debatedores.

Uma segunda abordagem adotada por alguns dos criacionistas procura promover a versão brasileira do movimento conhecido como Desenho Inteligente (DI), buscando apresentá-lo como uma linha de investigação científica completamente destituída de qualquer influência religiosa embora sua relação com o criacionismo cristão tenha sido extensamente documentada através de vários autores (FORREST, 2010; PENNOCK, 2000). Nesse sentido, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, realiza desde 2008 o “Simpósio Internacional Darwinismo Hoje”, sempre com os posicionamentos de criacionistas e defensores do DI apresentados como pontos de vista distintos sobre a evolução biológica. Desse modo, vários palestrantes internacionais convidados em diferentes edições desse evento incluíram os principais nomes atuais do Desenho Inteligente nos Estados Unidos: Paul Nelson, membro do Center for Science and Culture (CSC), uma parte do Discovery Institute, um centro de pensamento cristão conservador que é um dos principais defensores do Desenho Inteligente, Stephen Meyer, um de seus fundadores e, em 2012, Michael Behe, autor do livro *A Caixa Preta de Darwin*. Ano passado foi realizado o Primeiro Congresso Brasileiro do Desenho Inteligente, durante o qual ocorreu a fundação da Sociedade Brasileira do Desenho Inteligente (TDI-Brasil), cuja presidência ficou a cargo de Marcos Eberlin. Em seu manifesto, o TDI-Brasil procurou fazer a distinção entre o "criacionismo científico" daquele motivado por razões "religiosas e filosóficas" (BORGES, 2014).

A terceira abordagem mais comum, como o criacionismo procura se apresentar como uma explicação científica, é a defesa por parte de alguns criacionistas da sua inclusão nos currículos de Ciências das escolas públicas. Em sua defesa, eles argumentam, essa iniciativa iria estimular o “ensino da controvérsia”, a “pluralidade de diferentes pontos de vista” e o “direito de saber”, os mesmos argumentos empregados pelos defensores do Desenho Inteligente nos Estados Unidos. Embora várias decisões judiciais tenham considerado inconstitucional qualquer lei que tenha procurado inserir o “ensino da controvérsia” nas escolas públicas norte-americanas, o argumento ainda persiste (SCOTT, 2004).

A quarta abordagem mais comum utilizada pelos criacionistas brasileiros é o resultado da presença crescente de políticos pentecostais nos parlamentos estaduais e federais brasileiros e de suas consequências na legislação para o ensino de Ciências e Biologia, a ser discutida na próxima seção.

Influências recentes no ensino de ciências

No contexto da política partidária, chamam atenção as legislações que impactam o ensino de ciências e biologia, em especial, o caso do Rio de Janeiro. A aprovação da lei 3459, que instituía o Ensino Religioso, de autoria do deputado Carlos Dias – ligado à Arquidiocese do Rio de Janeiro e militante da Renovação Carismática (CUNHA, 2006) – abriu caminho para que alguns dos 500 professores contratados para este fim nas escolas estaduais,

manifestassem sua intenção de incluir o criacionismo como parte do conteúdo de sua disciplina. Estas notícias provocaram várias reações da comunidade científica. O presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Prof. Ennio Candotti afirmou "[O ensino do criacionismo] é propaganda enganosa. É um caso que deveria ser visto como de defesa do consumidor. Os alunos deveriam procurar o Procon" (GAZIR, 2004). A entidade emitiu nota em repúdio a "declarações e medidas educacionais do governo do Estado do RJ que visam a exposição dos alunos, cuja mente ainda está em formação, a uma doutrina (o criacionismo) que não encontra qualquer respaldo científico". O secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro no período, Cláudio Mendonça, afirmou segundo trecho transcrito literalmente de reportagem publicada na Revista Época de 24/05/2004: "Será que alguma dessas teorias é verdadeira? Quando se fala em origem da vida, é importante questionar tudo", o que se aproxima da defesa do "ensino da controvérsia", pleiteado por grupos criacionistas, como apontamos anteriormente.

No caso de algumas escolas particulares confessionais o criacionismo sempre foi ensinado nas aulas de religião, mas recentemente alguns estabelecimentos começaram também a fazê-lo nas aulas de Ciências e de Biologia. No fim de 2008, segundo Romanini (2009, p. 84), o Colégio Presbiteriano Mackenzie, trocou os livros convencionais de Ciências do Ensino Fundamental por apostilas produzidas pela Associação Internacional das Escolas Cristãs (ACSI). De posse desse novo material didático os alunos dessa escola aprendem apenas o criacionismo até o 5º ano do Ensino Fundamental. A partir do ano seguinte, são ensinados, simultaneamente, tanto o criacionismo quanto o evolucionismo. Souza (2009) destaca que a ACSI possui escritórios em mais de 20 países, oferecendo material didático para mais de 5000 escolas em 100 países, estando atualmente em litígio com a Universidade da Califórnia por esta ter se recusado a aceitar cursos de Ciências de teor Criacionista. Um dos principais advogados da ACSI, Wendell Bird, é um antigo membro do *Institute for Creation Research*. Iniciativas semelhantes estão sendo tomadas por escolas evangélicas batistas, embora empregando os livros didáticos de Ciência e Biologia convencionais e complementando-os com a Bíblia e outros livros de apoio. O Pueri Domus Escolas Associadas, uma rede de escolas laicas e religiosas também adotou o criacionismo em aulas de Ciências. O conteúdo é exposto em conjunto com o Evolucionismo no 8º ano do Ensino Fundamental (TAKAHASHI & BEDINELLI, 2008).

Diante da gravidade dessa situação o MEC pronunciou-se oficialmente, na figura da secretária de Educação Básica, Maria do Pilar, destacando que "*criacionismo pode e deve ser discutido nas aulas de religião, como visão teológica, nunca nas aulas de ciências*". No entanto o órgão não pode interferir no conteúdo das aulas, pois as escolas particulares desfrutam de autonomia (TAKAHASHI & BEDINELLI, 2008).

Ainda que não haja consenso em apontar pentecostais e neopentecostais como fundamentalistas (ORO, 1996; MARIANO, 2001), tais grupos compartilham algumas características. Mendonça (2006) afirma que eles rejeitam qualquer crítica que gere dúvidas sobre a literalidade do texto bíblico e também resistem firmemente à Ciência quando ela entra em conflito com a interpretação literal dos escritos sagrados, especialmente a teoria da evolução. Silas Malafaia, um dos principais líderes pentecostais no Brasil, atacando o pensamento evolutivo, diz que há um "interesse satânico (...) [para] cegar o entendimento dos incrédulos para que eles não tenham conhecimento sobre a verdade e sejam libertos por ela" (MALAFAIA, 2009, p. 33). É interessante notar que Malafaia faz uma crítica à teoria darwiniana da evolução procurando lançar mão de conceitos científicos, tais como a biogênese e a segunda lei da termodinâmica, seguindo os argumentos de alguns grupos norte-americanos (SCOTT, 2004). Embora os pentecostais sejam um grupo religioso extremamente diverso, a declaração de Malafaia, comparando a evolução ao trabalho do diabo, mostra o quanto os pentecostais podem se mostrar resistentes a esse tema. Embora boa parte dos evangélicos não se ocupe diretamente dessas questões, uma das consequências do seu literalismo bíblico resulta

quase sempre em oposição à evolução biológica, ainda que em muitos casos isso ocorra de modo mais difuso.

No final de 2014, o pastor pentecostal e também deputado federal, Marco Feliciano, apresentou um projeto de lei ao Congresso Federal para incluir o ensino do criacionismo no currículo de instituições de ensino públicas e privadas. O deputado justifica seu projeto afirmando que ensinar apenas o evolucionismo viola a liberdade de pensamento garantido pela Constituição brasileira. Ele argumenta que este é um ato democrático já que a maioria das religiões no Brasil acredita no criacionismo (BRASIL, 2014).

Em sua justificativa, o texto procura utilizar vários conceitos científicos, embora ao fazê-lo acabe por revelar algumas de suas limitações sobre o tema:

Como é sabido, hoje vigora nos currículos escolares o ensino do EVOLUCIONISMO, propagando que a vida originou-se de uma “célula primitiva” que se pôs em movimento pelo “*Big Bang*”. Em termos mais simples, “*os seres vivos provieram da matéria inorgânica, e das plantas se originaram os animais e, por fim, dos animais teria provido o homem*”, ou seja, “*sempre do menos teria vindo o mais, do inferior, por desabrochamento, teria vindo o superior*” (BRASIL, 2014, p.2, grifos do autor).

O autor mescla de forma equivocada teorias de origem da vida, evolução e origem do universo. Ao se referir a uma célula primitiva que teria sido posta em movimento pelo Big Bang, sugere que a origem da vida na Terra coincide com a origem do universo. Atualmente, as evidências científicas indicam que tais eventos tiveram uma diferença de mais de 10 bilhões de anos entre si. Além disso, ao afirmar que das plantas se originaram os animais e que dos animais surgiram os seres humanos, há profundas imprecisões do ponto de vista filogenético e das características do processo evolutivo. As plantas atuais evoluíram de organismos unicelulares fotossintetizantes – e não de animais – há milhões de anos. Já os seres humanos são animais e, portanto, não faz sentido afirmar que tiveram sua origem a partir de membros do Reino Animal, como se os humanos fossem algo à parte. Ao se referir a seres vivos surgindo de formas inferiores, o texto defende uma visão da evolução como um processo linear e teleológico. O texto ignora, pois, que não há como definir previamente que organismos serão selecionados e transmitirão suas características às gerações futuras.

Vale a pena destacar que o projeto de lei apresentado por Marco Feliciano é idêntico em seu conteúdo a outro de autoria do deputado estadual do Paraná, Artagão Júnior, de 2007. Artagão Júnior é ligado à Igreja Adventista, grupo religioso que, como vimos anteriormente, está intrinsecamente ligado à Sociedade Criacionista Brasileira. O projeto, que já havia sido aprovado pelas comissões de Cidadania e Justiça e Educação, foi arquivado em 2010 (ALEP, 2015). O uso do mesmo texto mostra que pentecostais e movimentos criacionistas estão estabelecendo alianças entre si, marcando o posicionamento articulado em favor do ensino do criacionismo.

O projeto recebeu críticas por parte da imprensa (TUFFANI, 2014), de sociedades científicas (ABRAPEC, SBENBIO, 2014; SBPC, 2014) e até mesmo de adeptos brasileiros do Desenho Inteligente (BORGES, 2014; TUFFANI, 2014), porém por razões distintas. Enquanto os primeiros criticavam os erros contidos no projeto e apontavam que o criacionismo não é científico, a TDI-Brasil divulgou um manifesto contestando o ensino do Desenho Inteligente nas escolas e universidades argumentando que a maioria dos pesquisadores ainda não aceita essa teoria e que não há professores qualificados para ensinar seus postulados.

Numbers (1992) argumenta que os pentecostais sempre se posicionaram contra o pensamento evolutivo, embora nunca tenham liderado a cruzada anti-evolução nos Estados Unidos, tendo apenas seguido os fundamentalistas nesse tema. No entanto, parece que, na realidade brasileira, em função da conjuntura político-social, eles são os protagonistas, junto com os adventistas.

É interessante perceber como o criacionismo no Brasil se fortalece a partir da mudança no cenário religioso que levou ao crescimento rápido do pentecostalismo. Isso pode indicar que os movimentos criacionistas nos EUA precisavam de uma configuração religiosa diferente para crescer no Brasil. Uma vez que para a Igreja Católica a evolução não entra em conflito com a sua teologia (PONTIFICIA ACCADEMIA DELLE SCIENZE, 1997), enquanto o Catolicismo se manteve plenamente hegemônico no Brasil, o criacionismo não encontrou um contexto tão propício para se instalar como o presente. Além disso, de um ponto de vista global, o criacionismo se espalhou para vários países ao longo dos últimos anos (NUMBERS, 2009), o que também pode indicar que o poder de comunicação e influência dos grupos criacionistas tem se ampliado nos últimos anos.

Conclusões

Nesse artigo procuramos aprofundar alguns temas a respeito da situação do criacionismo no Brasil e chamar a atenção para a importância do contexto religioso para as discussões relacionadas ao ensino de evolução. Martins (2001) caracteriza o criacionismo brasileiro como “*em expansão*” e Souza (2009) afirma que em nosso país “*os movimentos criacionistas começam a se organizar de forma sistemática*”, o que não deveria ser visto como surpreendente dada a sua frequente associação estreita com o proselitismo religioso. As evidências aqui apresentadas e discutidas parecem corroborar essa posição.

Embora o grau de sofisticação e elaboração teórica seja um empecilho à popularização do Desenho Inteligente em terras brasileiras, nas quais boa parte da população se encontra distante da realidade acadêmica e domina com dificuldade alguns dos conceitos que fazem parte do conteúdo científico, seu avanço, bem como o de outras modalidades de criacionismo ocorreu de modo consistente nos últimos anos. A presença de organizações empresariais envolvidas na sua promoção – financiando a tradução, publicação e distribuição de livros e material didático de apoio, bem como promovendo as viagens de palestrantes por diversas partes do país e recebendo seguidas visitas de lideranças internacionais ligadas ao setor – é cada vez mais frequente. Antes restrito apenas à esfera dos adventistas, o criacionismo avança cada vez mais sobre as denominações evangélicas. Cada vez mais visível é o estreitamento das relações e a colaboração com as organizações internacionais. A utilização intensa de recursos tecnológicos na difusão de sua mensagem e o enorme potencial receptivo da mesma entre os adventistas e em parte significativa dos cada vez mais numerosos evangélicos acena com um grande potencial de crescimento nos próximos anos.

O que se mostra bastante relevante em todo o histórico dessa discussão sobre o criacionismo é a centralidade do papel ocupado não apenas pelo livro didático bem como pela escola, como arena de um confronto político entre visões distintas do espaço social. A ávida disputa pelo controle do currículo prescrito por essa instituição destaca sua importância na construção política de projetos de cidadania e de sociedade, bem como sua utilização, ao lado de outras instituições, como ponta de lança para a difusão de determinado conjunto de valores ao restante da sociedade. A escola constitui-se então, não apenas como um espaço de pluralismos, mas também em boa parte das situações, também como um espaço plural de disputa política sobre a propriedade ou não de alguns temas serem ensinados.

As alterações mais recentes nos cenários religioso e político brasileiros apontam para um aumento das atividades e da influência do criacionismo nos próximos anos, colocando uma séria ameaça a um ensino de evolução de qualidade em nossas escolas, em especial as do ensino público. Projetos de lei que defendem o “ensino da controvérsia”, como o do Pastor Marco Feliciano, apoiam-se nas crenças religiosas da maior parte da população para introduzir o criacionismo na educação básica.

Esse quadro enfatiza a relevância que devem assumir nos próximos anos quaisquer iniciativas que operem na área de divulgação científica e todas as discussões envolvidas nas tentativas de delimitação mínima do campo científico e do ensino de Ciências. Embora o problema da demarcação da Ciência seja uma questão epistemológica que se encontra longe de estar claramente resolvida, suas discussões podem contribuir minimamente para definir aquelas atividades que claramente não preenchem os pré-requisitos necessários para fazerem parte desse processo. Tais iniciativas são importantes como um instrumento não apenas para preservar essas áreas da ingerência indevida dos criacionistas como também para assegurar a qualidade das ações desenvolvidas no seu interior.

Nesse sentido é fundamental a presença de disciplinas ligadas à História e Filosofia da Ciência na formação de professores, capazes de permitir aos estudantes um melhor entendimento dos diferentes processos de construção do conhecimento dentro da Ciência. Como destaca Pigliucci (2005) todas as vezes que os cientistas e docentes de Ciências se defrontam com ataques “irracionais” contra a Ciência, em geral respondem com pedidos por mais e melhor ensino de Ciências, o que sem dúvida é importante. Porém, segundo ele, as evidências indicam que tais ações têm pouco ou nenhum efeito se não vierem acompanhadas por esforços no sentido de promover o pensamento crítico e o estudo da natureza epistemológica da atividade científica.

Referências

- ABRAPEC; SBENBIO. **Carta aberta contra o Projeto de Lei 8099/2014**, 2014. Disponível em <http://www.abrapec.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/11/documento-conjunto-SBEnBio-ABRAPEC-final-12-1.pdf>. Acesso em: 09/04/2015
- ALEP. **Espelho do Projeto de Lei 594/2007**. 2015. Acesso em: 09/04/2015.
- BORGES, M. **Manifesto da Sociedade Brasileira do Design Inteligente**. 2014. Disponível em: < <http://www.criacionismo.com.br/2014/11/manifesto-da-sociedade-brasileira-do.html> >. Acesso em: 19/11/2014.
- BRASIL. **Projeto de Lei No. 8099: Ficam inseridos na grade curricular das Redes Pública e Privada de Ensino, Conteúdos sobre criacionismo**. NACIONAL, C. Brasília 2014.
- CUNHA, L. A. Autonomização do campo educacional: efeitos do e no campo religioso. **Revista Contemporânea de Educação**, 1(2): 15p. 2006.
- GAZIR, A. Escolas do Rio vão ensinar criacionismo, *Folha de São Paulo*, 13/05/2004, 2004.
- FORREST, B... It's Déjà Vu All over Again: the Intelligent Design Movement's recycling of Creationist Strategies. **Evolution: Education and Outreach**, 3: 170-182, 2010
- MALAFAIA, S. **Criação x Evolução: quem está com a verdade?** Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2009
- MARIANO, R. **Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil**. Tese de. Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARTINS, M. V. De Darwin, de Caixas-Pretas e do Surpreendente Retorno do “criacionismo”. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, 8: 739-756, 2001.
- MATZKE, N. The Evolution of Creationist Movements. **Evolution: Education and Outreach**, 3(2), 145-162, 2010

MENDONÇA, A. G. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: TEIXEIRA, F. e MENEZES, R. (Ed.). **As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, cap. 6, p.89-110, 2006.

NUMBERS, R. L. Creation, Evolution, and Holy Ghost Religion: Holiness and Pentecostal Responses to Darwinism. **Religion and American Culture: A Journal of Interpretation**, v.2, n. 2, p. 127-158, 1992.

NUMBERS, R. L. **The creationists: from scientific creationism to intelligent design** (Expanded ed.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2006.

NUMBERS, R. L. Myth 24: That creationism is a uniquely American phenomenon In: NUMBERS, R. (Ed.). **Galileo goes to jail and other myths about science and religion**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2009.

ORO, I. P. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

PENNOCK, R. T. **Tower of Babel: The Evidence Against the New Creationism**. Cambridge: MIT Press, 1999.

PIGLIUCCI, M. Science and Fundamentalism. **European Molecular Biology Organization Reports**, 6: 1106-1109, 2005.

PONTIFICIA ACCADEMIA DELLE SCIENZE. **Plenary session on the origin and early evolution of life, 22-26 October 1996 (part I). Reflection on science at the dawn of the third millennium (part II). Round table on the problems of the origin of life (Round Table), 22-26 October 1996**. Vatican City: Pontificia Academia Scientarum, 1997.

ROMANINI, C. Onde Darwin é só mais uma Teoria. *Revista Veja*, 11/02/2009, 2009.

SBPC. **Ofício 122 Contrário ao PL 8099/2014**, Disponível em <http://www.sbpnet.org.br/site/artigos-e-manifestos/detalhe.php?p=3572>. Acesso em 09/04/2015.

SCOTT, E. C. **Evolution vs. creationism: an introduction**. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2004

SCOTT, E. C. Creationism and evolution: it's the American way. **Cell**, 124(3), 449-451, 2006.

SOUZA, S. de. *A Goleada de Darwin: sobre o Debate criacionismo/Darwinismo*. Rio de Janeiro: Record. 221p, 2009

TIDON, R. & LEWONTIN, R. C. Teaching evolutionary biology. **Genetics and Molecular Biology**, 27, 124-131, 2004.

TUFFANI, M. Projeto criacionista de Feliciano é um monumento à ignorância. Disponível em <http://mauriciotuffani.blogfolha.uol.com.br/2014/11/15/projetocriacionistadefelicianoeummonumentoaignorancia/> Acesso em 19/12/2014.